

NO MEIO DA GRADUAÇÃO HAVIA UM ESTÁGIO: EXPERIÊNCIAS VIVIDAS E OBSERVADAS

Vanuza de Oliveira Barbosa¹

INTRODUÇÃO

Importante e imprescindível etapa no decorrer da graduação, o Estágio Supervisionado Obrigatório confere ao graduando a oportunidade de atuar previamente no seu futuro campo de trabalho, permitindo-lhe vivenciar momentos que o capacitarão analisar os desafios e possibilidades de sua prática.

É também o momento da prática estagiária que proporciona ao aluno assumir, de modo mais incisivo, a identidade de professor, uma vez que, as realidades da escola se apresentam de forma mais objetiva e o olhar que, outrora, reconhecia àquele ambiente através de uma nuance, volta-se, agora, para outras. Tinha-se a visão do aluno do ensino fundamental; tem-se, o olhar do docente em formação.

Não obstante as justificativas que evidenciam quão essencial é o supracitado componente curricular dentro da graduação, é comum que o mesmo não seja visto com bons olhos e aceito de bom grado pelos próprios licenciandos que, não raras vezes, sentem-se ameaçados pela obrigatoriedade de unir teoria e prática como se fosse possível a dissociação entre estas.

Também é notável certo desprezo pelas disciplinas de cunho pedagógico ao longo da graduação. Alguns alunos se encantam pelos componentes conteudísticos. Num curso de História, por exemplo, disciplinas como História Medieval, do Brasil, da América, soam bem mais interessantes que as Práticas Pedagógicas.

Além disso, as oportunidades de atuar como pesquisador nos programas oferecidos pelo instituto também acabam por afastar o aluno do motivo e função principais de um curso de licenciatura: a formação de professores.

Assim, o presente trabalho visa discutir experiências vividas e observadas quando da prática do Estágio, bem como problematizar a resistência de alguns licenciandos em percebê-lo como aliado ao invés de uma pedra no meio da graduação e, sem mesmo ter passado por ele, relegá-lo à condição de experiência traumática da qual fogem com o diabo, da cruz.

LICENCIATURA, SIM. SALA DE AULA, NÃO. PODE, PRODUÇÃO?

Ao escolher um curso de licenciatura subtende-se que o graduando pretenda atuar como professor, não é mesmo? Deveria. Mas a realidade é que alguns licenciandos parecem não ter a exata noção das implicações oferecidas pelo caminho optado, de modo que, chegam ao meio da graduação sem a mínima consciência do lugar que ocuparão na sociedade.

Mais comum do que se possa imaginar é escutar de um estudante de licenciatura que já percorreu metade da graduação a afirmação de que não quer ser professor. Por variados motivos, o indivíduo não consegue, ao longo da jornada acadêmica, assumir a identidade docente, ainda que esteja sendo formado para isso. Terá sido enganado, o coitado?

Para além dos Estágios, que aparecem apenas na metade do curso, a grade curricular de um curso de licenciatura oferece, ao longo de toda a graduação, disciplinas de teor pedagógico, não permitindo, de tal modo, que se perca o cariz de formação

¹ Graduanda em História pela Universidade Estadual da Paraíba

docente. No entanto, como mencionado na introdução do presente trabalho, parece haver uma hierarquia a partir da qual tais componentes acabam sendo inferiorizados em relação aos demais.

Assim, valoriza-se demais determinadas disciplinas em detrimento das que pertencem ao âmbito educacional. Ainda nesse sentido, percebe-se a postura de muitos professores de licenciatura demasiadamente focados na pesquisa sem associá-la à prática; sem o manejo necessário para fazer a ponte que liga as duas ações. Comportamento que acaba por confundir o aluno menos focado, tornando-o um perdido no seio de sua formação acadêmica.

De tal modo, não raras vezes o aluno continua no curso por pressão dos familiares ou mesmo para (apenas) obter o diploma, não tendo a mínima intenção de seguir carreira. Assim, corre o risco de sentir-se frustrado ante o tempo “perdido” na universidade, mas, nem sempre, terá disposição para ingressar numa nova graduação. Talvez, até, por não saber onde melhor se encaixa.

O ESTÁGIO COMO FILTRO NA EXPERIÊNCIA DOCENTE

O Estágio Supervisionado é uma exigência do curso de Licenciatura e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (nº9394/96). Divide-se em duas fases, sendo elas, respectivamente, a observação e a regência.

A primeira não costuma sofrer resistência por parte do aluno estagiário, uma vez que, configura-se como uma atividade passiva: observa-se o que acontece em sala de aula, e leva-se os questionamentos para serem debatidos em sala de aula. A segunda fase, por sua vez, possibilita a atuação efetiva como docente, exigindo do graduando postura e responsabilidades de um autêntico professor.

Esse contexto gera uma tensão no licenciando que se vê diante da expectativa de perceber-se capaz ou não de exercer a função para a qual vem sendo formado nos últimos dois anos. Percebe-se posto à prova e, salvo aqueles que esperaram ansiosamente por esse momento, temem não dar conta do recado e frustrar-se com a profissão escolhida depois haver atravessado metade do caminho.

No entanto, para além das experiências “traumáticas” advindas do momento do Estágio, existem várias outras que configuram-se como gratas surpresas. Há casos em que o licenciando já gozava da plena certeza de que não seguiria os caminhos da docência após a graduação, mas, a partir da atuação como estagiário, acaba por reconhecer-se professor e assumir integralmente esta identidade.

Há, ainda, pessoas que veem a docência como verdadeira vocação da qual são possuidoras. É até mesmo comum nos depararmos com quem diga que “nasceu para ser professor”. No entanto, diante da imprevisibilidade dos desafios oferecidos por uma sala de aula, percebem-se incapazes de fazer acontecer.

Nesse sentido, o Estágio parece atuar como peneira, coando e filtrando os que, realmente, têm vocação para o ofício de professor. Talvez seja esse o maior erro dos graduandos: enxergar a prática estagiária como um tipo de prova final, e não como um meio de construção de sua própria prática, um exercício de saber fazer; auxílio e oportunidade de aprender com quem está na lida há mais tempo.

Faz-se necessário melhorar, senão, radicalizar a visão que se tem dessa etapa da graduação. Acolhê-la, não como imposição e obrigatoriedade, mas como a chance de antecipar o contato com o âmbito em que atuará, qualificando-se, efetivamente, para assumir o cargo que ocupará. Essa é a real intenção do supracitado componente curricular.

Vale ressaltar, ainda, que uma experiência ruim não implica, necessariamente, na desqualificação do profissional atuante. Quantos professores que contam anos de experiência em sala de aula passam por situações constrangedoras diante da turma. Não se pode ter tudo sob controle todo o tempo. Ainda mais lidando com pessoas, seres dotados de subjetividades.

Muitas vezes, não há empatia com a turma. Não raras vezes escutamos professores comparando-as, relatando que a mesma aula que é dada tranquilamente em uma não acontece em outra. O contrário também acontece quando um mesmo professor é odiado por uma turma e adorado por outra. Às vezes é mesmo uma questão de sorte. Outras, no entanto, de fato, têm a ver com a capacitação do docente em formação.

Um lugar que oferece muitas aprendizagens no ambiente escolar e do qual o estagiário pode retirar muitas informações valiosas é a sala dos professores. Na hora do intervalo ou mesmo entre uma aula e outra é perfeitamente possível extrair informações sobre certas turmas e determinados alunos.

Muitas vezes as opiniões vão convergir e, nesses momentos, torna-se perceptível que o problema não está, exatamente, no corpo docente da escola. Não trata-se de características de um professor, em particular, mas algo que deve ser corrigido na turma/aluno. Alguma necessidade de ajuste por parte dela. Quando as opiniões divergem, por sua vez, é hora de analisar e repensar a prática.

Por vezes o problema é com a disciplina e isso reflete, logicamente, no professor. Em outras, está relacionados à metodologia adotada e, nesse momento, o estagiário se depara com a oportunidade de colocar em prática o que aprendeu até ali na graduação. Aqui, seu dependerá, em grande parte, da atenção que dispensou aos componentes de teor pedagógico.

Em contrapartida, sua atuação em sala de aula dependerá, ainda, do professor regente da turma, uma vez que, apesar de assumir de forma efetiva a regência das aulas, aquele deverá se submeter às orientações e considerações deste. Nesse sentido, o licenciando pode ter suas metodologias limitadas, não apenas pelo regente da turma, mas também por políticas da escola, bem como, ausência de ferramentas/tecnologias que propiciem a execução do pretendido método a ser utilizado.

A DOCÊNCIA ROMÂNTICA: ENTRE DISCURSOS

No que concerne à separação entre teoria e prática, essa não precisa existir. Basta compreendê-las como ações complementares. A extensão da academia ao universo escolar é uma prática enriquecedora para ambas as instituições. Ajuda mútua. O professor que pensa sua prática é, por si, pesquisador. De nada vale uma teoria que não possa ser aplicada e uma prática que não possa ser (re)pensada. Essa divisão serve apenas para abortar discussões que em muito contribuiriam para uma melhora significativa no relacionamento professor/escola/aluno/sociedade.

Nesse sentido, Pimenta e Lima (2004) afirmam que:

“O papel das teorias é iluminar e oferecer instrumentos e esquemas para análise e investigação que permitam questionar as práticas institucionalizadas e as ações dos sujeitos e, ao mesmo tempo, colocar elas próprias em questionamento, uma vez que as teorias são explicações sempre provisórias da realidade.”

(PIMENTA e LIMA, 2004, p.43)

Assim, o aluno pode valer-se da prática estagiária para, concomitantemente, aprender e aperfeiçoar-se no ofício da docência e problematizar o que tem funcionado e

o que deixa a desejar, educando o olhar para perceber as minudências que configuram-se tanto como mudanças quanto permanências.

Faz-se extremamente necessário que o graduando perceba que ser professor não implica em abandonar a pesquisa e vice-versa. Uma função não tem maior importância que outra. É importante tratá-las num único conjunto. Contudo, sabemos que a condição docente em nosso país tem sido cada vez menos valorizada. Cria-se sobre aquele profissional uma série de expectativas. Romantizam seu ofício, mas não o oferecem tratamento digno e respeitável.

Nesse sentido, concomitantemente, exige-se cada vez mais e valoriza-se cada vez menos o professor. Desprestigiando seu trabalho através de baixíssimos salários. Não há motivações, mas atribui-se ao mesmo a missões cada vez maiores.

Estes discursos estão cada vez mais presentes na academia e, quando o aluno tem a oportunidade de “sentir na pele”, de vivenciar, efetivamente, as dores e delícias propiciadas pelas sendas da docência, ele ganha maior autonomia para discutir. Aqui, a atuação nos Estágios, enquanto aproximação da realidade discutida em sala de aula, aparece, mais uma vez, como experiência enriquecedora e construtora da identificação do licenciando com a profissão escolhida.

Alguns abraçarão a luta por melhorias, por uma valorização efetiva do ofício. Outros, por sua vez, perceberão que não estão dispostos o suficiente para “sofrer” tanto em nome de tão pouco. Não raras vezes encontramos, no discursos dos próprios professores certo desprezo pela docência. Parecem desiludidos e desesperançosos de que o quadro pode ser revertido.

Há relatos de alunos que, quando no último ano do ensino médio partilham com o professor de determinada disciplina que pretendem seguir seu exemplo sendo também professores, acabam por escutar palavras duras, que configuram-se como verdadeiros “banhos de água fria” em sua nova descoberta.

Mesmo durante a graduação, percebe-se no seio da própria universidade o tratamento diferenciado entre os bacharelados e as licenciaturas. Os discursos preconceituosos partem dos próprios intelectuais, vem da parte dos que deveriam valorizar o professor por saber que nenhum profissional é formado sem a contribuição deles.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Faz-se, cada vez mais, piadas sobre a docência. A mídia e as novas tecnologias parecem substituir o supracitado profissional. As escolas e o novo perfil do alunado têm assustado os futuros professores, em decorrência dos inúmeros casos de violência entre alunos e professores...

Tudo isso, somado à insegurança em relação à capacidade de controlar uma sala de aula, é convertido em receio, por partes dos estudantes de licenciatura, de se deparar com o momento em atuar como estagiário.

Esse pavor pode chegar ao ponto de o aluno inclinar-se ao abandono da graduação depois de haver cursado metade dela. Contudo, diante dos argumentos expostos no presente trabalho, podemos perceber o Estágio Supervisionado Obrigatório como aliado, e não inimigo do graduando.

Nesse sentido, o futuro professor deve reconhecer-se como tal, e enfrentar os desafios impostos pela profissão. Ter a oportunidade de fazê-lo sob a supervisão de quem entende do assunto deve ser tido como um presente, um carinho e um cuidado, ao invés de ser percebido como um castigo.

O Estágio não é o fim do caminho. A prova final. Mas o início da jornada. Os primeiros passos efetivos na construção da prática. Mais tarde, serão recordados com carinho e saudade. Falta esse entendimento para que alunos estagiários aproveitem do melhor modo possível, as experiências dele advindas

REFERÊNCIA

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria do Socorro Lucena. Estágio e Docência. – 5. ed. – São Paulo: Cortez, 2004.